



## Os mosteiros beneditinos na literatura científica contemporânea

Karina Ferreira Gonçalves Farah<sup>1</sup>

### Introdução

Foi em meio às turbulências políticas no Império romano do Ocidente, em 480 d.C., que nasceu o casal de irmãos gêmeos Bento e Escolástica, pertencentes a uma família da pequena nobreza rural da cidade de Núrsia na Itália. Quando adolescente Bento é enviado para Roma a mando de seus pais para realização dos estudos em Letras, Filosofia e Direito. Contudo, Bento decide se dedicar a vida religiosa. Posteriormente, por revolucionar a forma da evangelização cristã, com trabalhos de assistência social e educação, Bento é santificado. A partir do lema evangelizador *Ora et Labora*, São Bento funda na Itália a ordem beneditina.

Os beneditinos conhecem muito bem o peso da palavra tradição. Enquanto a Ordem de São Francisco foi fundada no século XIII e a jesuítica no século XVI, os monges de São Bento remontam ao século VI. Seu fundador, Bento de Núrsia, considerado pelos católicos o “patriarca dos monges ocidentais”, foi um abade “italiano” que teve sua vida narrada no segundo livro dos Diálogos do papa Gregório Magno. (...) Nos relatos é ressaltado o seu constante trânsito: saído de Roma para o monte Subiáco, e deste para o monte Cassino, onde estabeleceu sua primeira comunidade. Eis uma característica importante na fundação da Ordem vai consolidar como tópica – a difusão das comunidades. (SOUZA, 2011: 33)

Tal difusão chegou ao Brasil em 1581, quando um grupo de monges beneditinos, chefiado pelo Padre Frei Antônio Ventura do Laterão, membros da Congregação Beneditina de Portugal fixam-se na capitania de Salvador. Antes na colônia existiam apenas alguns beneditinos com missões temporárias de pregações evangélicas. As boas ações beneditinas eram

---

<sup>1</sup> Bolsista CAPES e aluna mestranda do Programa de Pós-graduação de História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Integrante do Laboratório de Estudos e Intervenção em Patrimônio Cultural e Memória Social (LEPAM/UFRPE). Com o trabalho de "Ora et Labora: Para Além dos Muros do Mosteiro", sob a orientação do professor Ricardo de Aguiar Pacheco, Dr. em História e professor do PGH/UFRPE, email: ricardopacheco@ded.ufrpe.br .

divulgadas entre as outras capitanias. Pedidos para outras fundações tornaram-se corriqueiros.

### **Problemática**

Um dos itens de fundamental importância para o desenvolvimento de uma pesquisa, certamente é a construção de uma revisão bibliográfica. Pois, “ninguém inicia uma reflexão científica ou acadêmica a partir do ponto zero (BARROS, 2009: 103)”. Ao definir a temática de uma pesquisa, certamente, se faz necessário investigar o que já foi estudado acerca do seu objeto de estudo. No intuito de ser verificado se há uma repetição do problema levantado em sua pesquisa, como também, buscar diálogos e iniciar uma reflexão sobre as produções científicas ligadas à sua temática com outros pesquisadores, que desenvolveram interpretações distintas ou semelhantes a sua sobre seu objeto de estudo. Segundo Barros,

(...) a idéia de uma Revisão Bibliográfica é enunciar alguns dos ‘interlocutores’ com os quais você travará o seu diálogo historiográfico e científico. Estes interlocutores constituirão parte da riqueza de seu trabalho, e não convém negligenciá-los. Por outro lado, proceder a uma cuidadosa re-visão da literatura já existente é evitar o constrangimento de repetir sem querer propostas já realizadas ou de acrescentar muito pouco ao conhecimento científico (2009: 104).

Nossa revisão bibliográfica se delimitou a pesquisar os trabalhos acadêmicos sobre os mosteiros beneditinos e produções acadêmicas ligadas à nossa temática, pois no nosso caso, tal revisão, nos acrescentou reflexões acerca do nosso objeto de estudo, o Mosteiro de São Bento de Olinda.

Segundo Souza, A Regra de São Bento norteia as comunidades beneditinas, pois

(...) estabelece as formas como deveriam ser distribuídos os cargos dentro da comunidade, assim como os recursos. Estipula também um sistema de penalidades e as devidas coerções aplicadas na tentativa de manter a coesão de seus membros (2011: 34).

A construção de um espaço sagrado, não se fundamenta exclusivamente pela delimitação espacial, e sim, a partir da “(...) revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo (ELIADE, 2008: 26)”.



São Bento deixou explicitamente em sua Regra, três votos que todo monge beneditino deveria vivenciar, a obediência, a estabilidade e a conversão dos costumes. Eliade afirma que o homem religioso necessita de orientações para a construção do espaço sagrado, pois é

(...) evidente desejo do homem religioso de mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado. É por essa razão que se elaboraram técnicas de orientação, que são, propriamente falando, técnicas de construção do espaço sagrado (2008: 32).

## **Objetivos**

Nosso principal objetivo foi sistematizar uma revisão da literatura científica sobre os mosteiros beneditinos. Após a consulta desses trabalhos acadêmicos, buscamos construir diálogos e reflexões sobre as inúmeras possibilidades de uso de fontes e interpretações acerca dos mosteiros beneditinos.

## **Metodologia**

Os aportes teóricos e metodológicos escolhidos para serem utilizados no desenvolvimento dessa pesquisa nos subsidiaram ao longo de todo o nosso processo dessa escrita. Segundo Certeau, a pesquisa em História necessita impreterivelmente do diálogo entre a prática do ofício do historiador - a escrita, com a teoria. Pois,

(...) em história como em qualquer outra coisa, uma prática sem teoria desemboca necessariamente, mais dia menos dia, no dogmatismo de 'valores eternos' ou na apologia de um 'intemporal'. A suspeita não poderia, pois, estender-se a toda análise teórica (2007: 66).

Segundo Samara & Tupy a escrita da História requer “o conhecimento de um método científico de trabalho, isto é de um conjunto de operações técnicas, com instrumentos e procedimentos que demandam uma necessária aprendizagem de critérios de cientificidade (2007: 11)”. O ofício do historiador necessita de um conhecimento prévio do contexto social, cultural e material do tema que será pesquisado, sendo de grande relevância a realização de um levantamento bibliográfico inicial.

Reis (2010) afirma que as questões epistemológicas da historiografia precisam ser enfrentadas pelo historiador para a formação de novos enigmas e problematizar o seu objeto de pesquisa. Para ser historiador é necessário



pensar um problema para se fazer o conhecimento histórico. Pensar “é problematizar um objeto bem demarcado, criar hipóteses, testá-las (REIS, 2010: 12)”.

O caminho que percorremos para desenvolver o arcabouço epistemológico deste trabalho se iniciou com a realização de um levantamento bibliográfico, tanto no campo teórico como no campo da literatura científica da nossa temática. Para a realização de uma pesquisa se faz necessário um levantamento bibliográfico, e

(...) quanto melhor for realizada esta etapa – a análise dos trabalhos escritos sobre um determinado tema -, tanto melhor podem ser identificadas as mais diversas interpretações de um tão específico (SAMARA & TUPY, 2007: 11 - 12).

Para realizar a nossa triagem sobre as produções científicas ligadas à temática dos mosteiros beneditinos, utilizamos como recurso metodológico, a consulta nas plataformas de pesquisas acadêmicas, do banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, Scientific Electronic Library Online - SCIELO e no Google Acadêmico. Cujos, foram consultados sistematicamente ao longo de seis meses, no período de fevereiro a junho de do ano corrente.

## **Resultados e Discussões**

Em nosso levantamento bibliográfico na literatura científica, já citado anteriormente, pudemos observar a diversidade trabalhos científicos ligados à nossa temática, os mosteiros beneditinos. Conferindo-nos um intercâmbio científico entre as produções nacionais e internacionais. Fazendo-nos reconhecer possíveis incongruências e lacunas de informação que ainda existem.

Os mosteiros beneditinos foram estruturados para se tornarem cidadelas auto-suficientes, onde todas as necessidades vitais dos monges fossem supridas, de tal modo que não precisassem ausentar-se. Partindo dessa proposta de claustro, as atividades distribuídas entre os monges eram, na maioria do tempo, produtivas.

Diferentemente dos jesuítas, que aplicaram parte dos seus recursos na própria empresa missionária, e das ordens mendicantes, que não possuíam engenhos e imensa escravaria, os beneditinos reverteram seus ganhos, sobretudo para o próprio engrandecimento de suas

casas, com construções arquitetônicas bem-elaboradas, mesa farta, diversos empregados pagos, compra de cativos, beneficia-mento de engenhos e aquisição de imóveis e terras. (...) A manutenção de seu status era preocupação constante que transparece nas memórias de suas rotinas administrativas, na marca arquitetônica de seus mosteiros e igrejas e no uso de meios coercivos. Os monges montaram bibliotecas que eram verdadeiras ilhas de conhecimento nos trópicos (SOUZA, 2011: 93).

Diante das transformações históricas do cotidiano humano, a arquitetura dos mosteiros beneditinos foi se adaptando ao moderno, “e simultaneamente à evolução dos costumes e as novas interpretações das regras religiosas monásticas, os trabalhos construtivos empreendidos dentro dos claustros adquirem um surpreendente dinamismo (ARRUDA, 2007: 6)”.

Tal adaptação ao novo nos revela que é imprescindível associar os elementos da materialidade e imaterialidade dos mosteiros beneditinos. Assim, buscaremos compreender a interação do Mosteiro enquanto monumento, com os preceitos da Regra de São Bento. Sob a hipótese de que o Mosteiro se revela a partir da Regra.

Segundo Carvalho & Fischer o Mosteiro se edifica a partir de três elementos fundamentais: a Regra, o Superior e a Comunidade. A ordem beneditina se

(...) sobressai, portanto, a sua capacidade de interagir com seu ambiente institucional, de assimilar novos formatos organizacionais e de conduzir ações convergentes com a sobrevivência da Ordem religiosa através dos tempos (2006: 15).

Para Ludueña (2000) a rotina monástica dos beneditinos sempre foi baseada na regra, e originalmente, os monges se organizam com base no ideal de vida pregado por São Bento, com os mosteiros construídos para possuir uma economia de caráter predominantemente agrícola, para que as comunidades desenvolvessem uma independência e autonomia que a Regra estabelece. Mas esse tipo de construção estava vigente com o cenário histórico da Idade Média.

Este ideal de autonomía es virtualmente impensable sin una organización de las actividades necesarias para el mantenimiento cotidiano de la “casa”. Para ello es menester llevar a cabo una administración de los recursos humanos y materiales a disposición, para alcanzar el normal desarrollo del processo social en la vida diaria (LUDUEÑA, 2000:50).

Segundo Ludueña (2000), muitos historiadores do medievo sinalizam que esse ideal de comunidade monástica resulta de uma indispensável



representação de um "aspecto externo", ou seja, o corpo de uma vida monástica, para o desenvolvimento de um mosteiro. Mas, Ludueña afirma que o "coração" e a "alma" de um mosteiro beneditino se encontram na oração, na prática da Lectio Divina. “El estudio, el trabajo y la oración son las principales tareas que ocupan a los monjes durante el día (2000: 50)”.

Garcia (2012) investigou a decoração do interior das celas beneditinas dos séculos XVII e XVIII na Espanha, a partir da análise de cartas escritas por monges visitantes da Ordem de São Bento. A fim de encontrar referências que permitissem conhecer a ornamentação, os móveis e os objetos que havia dentro das habitações privadas. Os dados encontrados ao longo do trabalho, segundo Garcia (2012), demonstraram que os beneditinos eram rodeados de suntuosos objetos e mobílias luxuosas de estética barroca. Garcia (2012) acredita que tais dados revelam uma transgressão dos monges beneditinos espanhóis ao capítulo XXXIII da Regra de São Bento, de que os religiosos não possuíssem nenhum objeto luxuoso pessoal no interior de suas celas. E que estes monges espanhóis dos séculos XVII e XVIII aderiram à moda e a estética de seu tempo.

Já Hernando (2004) analisou as relações sociais e de poder estabelecidas durante o século XV e a primeira metade do século XVI, entre a poderosa família nobre Velasco de Castilla, com a implantação de um mosteiro beneditino em São Salvador de Oña. Ao longo da análise da documentação, principalmente mobiliária da família Velasco, Hernando (2004) comprovou que essa família como financiadora da construção do Mosteiro beneditino em São Salvador de Oña atuou em algumas ações concretas no desempenho do mosteiro. E isto gerou uma série de conflitos para ambas as partes, dando um fim às intervenções da família Velasco no regulamento dos assuntos internos da comunidade monástica.

Ludueña (2000) fez uma trajetória histórica da Ordem Beneditina e uma análise etnográfica sobre a vida monástica beneditina. Segundo Ludueña, São Bento estabeleceu em sua Regra

(...) los principios que regulan minuciosamente la vida cotidiana en un monasterio, tales como la organización económica, la elección del abad, la oración diaria, la medida de la comida, entre otros,



condensando su modelo de vida monástica en la máxima “Ora et Labora” (2000: 49).

Para realizar a sua pesquisa Ludueña (2000) analisou A Regra de São Bento e efetuou o trabalho de campo em quatro distintos mosteiros beneditinos: no mosteiro de São Bento de Lújan, na abadia de Santa María de Los Toldos, na abadia de Niño Dios em Victoria, e em um mosteiro de Azul (Buenos Aires, chamado de Nuestra Señora de los Angeles). Todos esses locais visitados, são comunidades que praticam a regra beneditina.

Segundo Ludueña (2000) a formação intelectual em uma vida monástica se inicia desde os primeiros momentos do ingresso. E as áreas de interesse são previamente configuradas nos estudos de História, Filosofia, Liturgia, História Monástica, estudo de línguas modernas e idiomas clássicos. E que todo o aparato para o desenvolvimento dos estudos está concentrado na biblioteca da abadia. Ludueña (2000) finaliza que o objetivo desse processo intelectual é de consolidar a vocação religiosa daqueles que nela ingressam.

No Brasil, os mosteiros beneditinos já foram objetos de estudos em distintas investigações acadêmicas. Com destaque para os estudos dos mosteiros beneditinos da Bahia e Rio de Janeiro, onde encontramos maiores contribuições na literatura científica brasileira. Dentre essas contribuições, encontramos Souza (2011) cuja tese de doutorado disserta sobre a história social dos beneditinos na América Portuguesa. Souza (2011) utilizou como principal documentação os dietários dos mosteiros do Rio de Janeiro e Salvador.

O dietário servia como repositório da memória de uma comunidade. “Os monges falecidos deveriam ser lembrados por seus irmãos de hábito, notadamente nas celebrações de missas por suas almas (SOUZA, 2011: 22)”.

Souza (2011) cruzou os dietários dos mosteiros beneditinos de Salvador e Rio de Janeiro com outras fontes para obter um quadro do perfil dos monges de São Bento na América Portuguesa. O autor destaca o uso dos Livros de Tombo do Mosteiro de Salvador, Olinda, Rio de Janeiro, Paraíba e São Paulo, como importantes fontes. Pois nestes livros eram registrados “as principais transações relativas aos bens dos mosteiros (2011: 22)”.



Segundo Souza (2007) os poderes institucionais da Ordem Beneditina na América Portuguesa firmaram-se além dos espaços claustrais. Diferentemente dos jesuítas e das ordens medicantes, “os beneditinos reverteram seus ganhos, sobretudo para o próprio engrandecimento de suas casas, com construções arquitetônicas bem elaboradas (...) (SOUZA, 2011: 273 – 274)”.

Outra contribuição historiográfica para os nossos estudos encontra-se no trabalho de Oliveira Hernández, que buscou

(...) apontar os aspectos das relações recíprocas entre os beneditinos brasileiros e portugueses, no período de 1596 a 1827, quando o sistema de gestão e administração das propriedades territoriais bem como o cuidado com a conservação dos imóveis incluindo os bens artísticos integrados dependia, principalmente, das definições orientadas pelos Capítulos Gerais, gerando ao longo do tempo uma inter-relação significativa entre as unidades monásticas beneditinas da Província Brasileira e a Congregação Portuguesa (2010: 2732).

Sobre o patrimônio material dos mosteiros beneditinos, encontramos Arruda (2007) que realizou um estudo sobre a arquitetura dos principais mosteiros beneditinos do Brasil. Arruda (2007) analisou os mosteiros beneditinos do Brasil que passaram por uma renovação na segunda metade do século XX, na qual foram introduzidas modificações na arquitetura tradicional dos mosteiros. Arruda (2007) escreve brevemente sobre o Mosteiro de São Bento de Olinda em sua dissertação sobre as modificações arquitetônicas na edificação.

Ao longo da nossa revisão na literatura científica sobre os mosteiros beneditinos, conseguimos identificar grandes contribuições metodológicas no uso dos mais diversos tipos de fontes. Porém, tal levantamento bibliográfico nos revelou também uma lacuna pertinente à criação do nosso problema, que é a ausência de um diálogo entre o patrimônio material e imaterial nos estudos sobre os mosteiros beneditinos.

### **Considerações Finais**

Após a nossa revisão da literatura científica, sobre os mosteiros beneditinos, daremos continuidade a nossa pesquisa a partir da seleção e análise da diversidade de fontes e metodologias que atualmente o historiador pode se debruçar. Pois o conceito de documento histórico passou por



inúmeras mudanças nas últimas décadas, seja na forma do seu uso, como também a ampliação do seu conceito. Ao lidar com documentos históricos se faz necessário reconhecer sua tipologia para realização da análise do material, seja com análises quantitativas e/ou qualitativas das fontes.

Uma definição precisa de documento histórico, porém, não apenas varia no tempo e no espaço como também, dependendo do próprio avanço da investigação histórica, demonstra estar em sintonia com os interesses pessoais e identidades culturais de cada pesquisador (SAMARA & TUPY, 2007: 19).

Segundo Samara & Tupy, durante muito tempo os estudos da História se baseavam no uso dos documentos escritos, sejam manuscritos ou impressos, como fontes fidedignas da História. Isso acarretava na excessiva obsessão em identificar, coletar e preservar os registros oficiais de distintas sociedades. Hoje, a História se abre a novas possibilidades de diálogo, no uso de recursos metodológicos e técnicas, a partir da interdisciplinaridade, e é “despindo-se das próprias amarras culturais, o historiador, no presente, volta-se para o seu objeto ou tema de estudo, buscando especialmente o significado plural da História (...) (2007: 63)”.

No nosso caso, o principal documento que norteará o nosso trabalho, consiste no uso da fonte de cultura material, a edificação do Mosteiro como documento. Sendo necessária buscar ferramentas interpretativas para essa tipologia de fonte. Segundo Funari as fontes materiais “devem ser abordadas tendo em vista a possibilidade de analogia com outros povos em situação semelhante, no que chamamos de paralelo etnográfico (FUNARI In: PINSKY (org), 2014: 94)”. Daí, a importância de fazermos o intercâmbio científico sobre os estudos de outros mosteiros beneditinos, para traçarmos um paralelo etnográfico.

Diante do nosso levantamento na literatura científica, sob o nosso olhar específico no âmbito temático do patrimônio, pudemos observar que na maioria das vezes os mosteiros beneditinos são analisados a partir do olhar da valorização da “pedra e cal”, da edificação do Mosteiro enquanto monumento, e dos bens materiais que compõe tal edificação. Exemplificando no Brasil, os trabalhos já citados de Oliveira Hernández (2009) e Arruda (2007).



Nossa reflexão será feita com base nos diálogos da amplitude que o conceito de patrimônio histórico, segundo Choay que é

(...) um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação continua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos (2001: 11)

A comunidade científica brasileira, atualmente vem se interessando por práticas religiosas, vistas como tradição e registradas no livro de Patrimônio de Bens Imateriais, segunda nossa análise no Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Porém, essas atividades de pesquisa se restringem muitas vezes à análise de manifestações sagradas de culturas afro-índigenas, como por exemplo, as práticas sagradas nos terreiros de umbanda, rituais indígenas (práticas sagradas definidas como primitivas).

Enquanto as tradições e regras religiosas católicas, em sua maioria, passam despercebidas pela interpretação do patrimônio imaterial, com análises sobre a contribuição da instituição Católica na cultura material. Quando ocorre um inventário, um reconhecimento imaterial, sempre está atrelado a uma tradição de festividade católica, e não sobre os preceitos que regulam uma determinada comunidade religiosa.

Para Pinsky & Luca, é necessário o uso da diversidade de fontes pelo historiador do patrimônio cultural, sendo “de tal amplitude e ordem que convém estabelecer desde já um recorte de abordagem (...) (2013: 281 -282)”. Principalmente pela abrangência que o termo patrimônio ínsita, no sentido de testemunho do passado. Ao elencar nossas tipologias de fontes para o estudo do patrimônio cultural entramos em “uma aventura da descoberta e seleção de fontes”, constituída de um “trabalho investigativo estimulante, enriquecendo a leitura plural do objeto de estudo, em suas tantas dimensões – material e imaterial (PINSKY & LUCA, 2013: 284)”.

## **Referências**

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de; CÂMARA, Augusto Gomes da; MAGALHÃES, Francisco de Oliveira & MELO Lúcio Esmeraldo Honório. De



alveitares a veterinários: notas históricas sobre a medicina animal e a Escola Superior de Medicina Veterinária São Bento de Olinda, Pernambuco (1912-1926). *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol.17 no.1, Rio de Janeiro Jan./Mar. de 2010.

ANDREATA, Regina Helena Potsch; Medeiros, Maria Franco Trindade & VALLE, Luci de Senna. Identificação de termos oitocentistas relacionados às plantas medicinais usadas no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Brasil. *Acta Botânica Brasilica*, vol.24 n.3 São Paulo July/Sept. de 2010.

ANUCIAÇÃO, Fr. Miguel Arcanjo da. *Crônica do Mosteiro de São Bento de Olinda até 1763*. Recife: Imprensa Oficial, 1940.

ÁVILA, Renata Medeiros de Bezerra & CARDOSO Grazielle Cassimiro. O envolvimento de beneditinos com descaminhos e demais ilícitudes - Rio de Janeiro (1702 - 1729). *Revista Angelus Novus*, USP, Ano IV, n. 6, p. 115-142, 2013.

ARRUDA, Valdir. *Tradição e Renovação: a arquitetura dos mosteiros beneditinos contemporâneos no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2007.

Bento, Santo. *A Regra de São Bento*. Tradução de D. João Evangelista Enout. – Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2008.

BARROS, José D'Assunção. *A Revisão Bibliográfica – Uma dimensão fundamental para o planejamento de pesquisa*. Instrumento: *R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora*, v. 11, n.2, jul./dez. 2009.

BENEDITINOS EM OLINDA - 400 ANOS. São Paulo: Copyright/SANBRA, 1986.

CARVALHO, Mercya Rose de Oliveira & FISCHER, Tânia Maria D. *ARS Antiqua: Mosteiro de São Bento, o eterno no tempo*. *Revista de Administração Empresas*, vol.46, n.1, São Paulo Jan./Mar. 2006.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

COLOMBÁS, García M. *La Tradición Benedictina*. Zamora: Ed. Monte Cassino, 1989.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do patrimônio*. São Paulo: Unesp, 2001.



**ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.**

**GARCÍA, Natalia Juan. Contribución al Conocimiento de los Interiores Monásticos: “Son estas celdas de monjes o lonjas de mercaderes?”. Revista Internacional de investigación em mobiliário y objetos decorativos. Vol. 1, nº. 1, Espanha, 2012.**

**GÓMEZ, Pedro Edmundo, osb. Algunas cuestiones epistemológicas a propósito de la teología monástica medieval en Jean Leclercq. Teología y Vida, Vol. XLVII (2006), 479 – 496.**

**HERNANDO, Máximo Diago. La tutela nobiliaria sobre los monasterios benedictinos castellanos em La Baja Edad Media: Relaciones entre los Velasco y el Monastério de San Salvador de Oña. Revista de Hispania Sacra: Instituto de História, CSIC. Madrid, 2004.**

**HISTÓRIA MONÁSTICA. Olinda: Mosteiro de Nossa Senhora do Monte, 1995.**

**LIVRO DO TOMBO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA CIDADE DE OLINDA. Recife: Imprensa Oficial, 1948.**

**LUDUEÑA, Gustavo Andrés. Ora et labora: Ethos y Cosmvision entre los monjes de San Benito en el proceso cotidiano. Mitológicas, vol. XV, num. 1, Bs. As., pp. 49 – 73, Centro Argentino de Etnologia Americana, Buenos Aires, Argentina, 2000.**

**LUNA, D. Joaquim G. de. Os Monges Beneditinos no Brasil. Rio de Janeiro: Edições "LUMEN CHRISTI", 1947.**

**NIGG, Walter. Bento de Núrsia. São Paulo: Edições Loyola - Coleção "Os Grandes em Imagens"1979.**

**O TESOURO DOS ABADES – A ARTE DEVOTA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2004.**

**OLIVERA HERNÁNDEZ, Maria Hermínia. A administração dos bens temporais do Mosteiro de São Bento da Bahia. Salvador: UDFBA, 2009.**

**\_\_\_\_\_, Territórios e Patrimônio: Acerca da Relação entre os Mosteiros Beneditinos do Brasil e Portugal na Conservação de Bens Temporais e Espirituais. 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”. Bahia: Cachoeira, 2010.**



**PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tania Regina de (Orgs.). O historiador e suas fontes. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.**

**PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2014.**

**REIS, José Carlos. O desafio historiográfico. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.**

**SAMARA, Eni de Mesquita & TUPY, Isemênia S. Silveira T. História & Documento e metodologia de pesquisa. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.**

**SANTOS, Dulce O. Amarante dos. Aproximações à medicina monástica em Portugal na Idade Média. História (São Paulo) v.31, n.1, p. 47-64, jan/jun 2012.**

**SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Para além do claustro: Uma história social da inserção beneditina na América Portuguesa, C. 1580 – C. 1690. Tese de doutorado do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.**

\_\_\_\_\_. Poder local entre ora et labora: a casa beneditina nas tramas do Rio de Janeiro seiscentista. Tempo, vol.18, n.32, Niterói -2012.

\_\_\_\_\_. Especialistas em 'bem morrer': causa mortis, rituais e hierarquias em um mosteiro do Rio de Janeiro colonial. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 20 n.2, Rio de Janeiro, abril/junho de 2013.